



REVISTA ISTO É

TERAPIA DE VIDAS
PASSADAS

DEPOIMENTOS DE
PACIENTES DE TVP



DOR DE GARGANTA E OBSESSÃO PELA BELEZA

Já tinha procurado todo tipo de tratamento para resolver minhas crises de garganta. Cheguei a ser internada e tomei vários antibióticos, mas nada resolvia. Então, optei pela regressão. Descobri que fui uma prostituta obcecada pela beleza e alimentei uma disputa com a dona do bordel, que colocou veneno no meu vinho. Foi assim que eu morri. Depois do tratamento, deixei de me preocupar tanto com a minha aparência e as dores de garganta desapareceram.

T.C., 25 anos

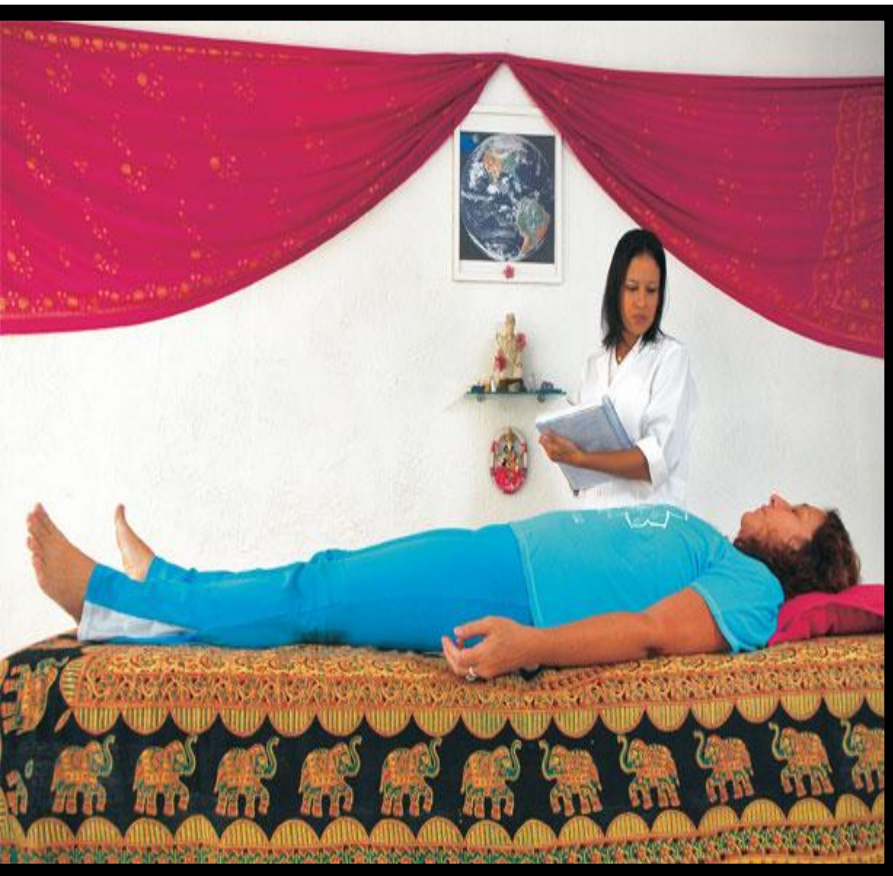


MEDO DE RELACIONAMENTOS AMOROSOS

Aos 28 anos, eu nunca tinha namorado ninguém. Sempre que o relacionamento começava a dar certo, eu inventava um motivo para terminar. Procurei várias terapias convencionais, mas nada me ajudou a entender o motivo. Após a regressão às vidas passadas, descobri que tinha medo de me comprometer porque fiquei viúva nas últimas cinco vidas, poucos anos após o casamento. Precisei de algumas sessões de terapia para me recuperar e esquecer aquele passado. Hoje, sou muito bem resolvida e vivo as relações sem medo. O que passou, passou”.

Vera Barroso, 40 anos

REVISTA ISTO É



RAIVA E FALTA DE AR

Fiz terapia de vidas passadas quando me formei em psicologia, para entender o processo. Mas tive revelações sobre coisas que nem passavam pela minha cabeça. Entendi por que eu detestava duas pessoas da minha família e compreendi meu medo de lugares fechados. Descobri que estas pessoas mandaram me matar, mas eu não percebi que havia morrido. Cheguei a acompanhar o meu velório, mas sem saber que era meu. Eu sentia falta de ar em lugares fechados porque me sentia dentro de um caixão. Após a regressão, consegui aceitar a minha morte e deixei de ter raiva daquelas pessoas. Parece que eu tirei um colete de chumbo das minhas costas. Foi um alívio.

Cláudia Geminiani, 32 anos



PÂNICO DE MULTIDÃO E LUGARES CHEIOS

Tinha pavor de lugares cheios. Multidões ou tumultos me deixavam transtornado. Desde criança, ficava incomodado até com as formações em fila para cantar o Hino nacional. Sempre que ia a algum lugar, ficava próximo à saída de emergência. Até que a fobia começou a me impedir de sair. Procurei a terapia de vidas passadas, apesar de não acreditar totalmente na técnica. Não sei se o que vi aconteceu mesmo ou se foi uma projeção do meu medo, mas na regressão me vi num lugar muito cheio e ouvi uma explosão muito forte. As pessoas corriam desesperadas, muito machucadas. Acordei suado, chorando e muito emocionado. Não posso negar que o resultado foi bom. Venci o medo.

Lincoln

Kennedy da Silva, 40 anos

REVISTA ISTO É



REVISTA ISTO É

DIFICULDADE DE MERGULHAR

Eu conseguia nadar, mas a idéia de mergulhar me apavorava. Perguntei aos meus pais se havia tido alguma experiência traumática na infância, mas eles disseram que nada havia ocorrido. Durante a regressão, descobri que morei num país parecido com a Holanda, abaixo do nível do mar. Um dique se rompeu e as ondas invadiram a minha casa. A água foi subindo pelas paredes e a porta travou. Fiquei preso, tentei salvar uma criança e morri afogado. Depois do tratamento, perdi o medo de mergulhar e entendi por que me preocupo tanto com meu irmão, que foi o filho que não consegui proteger na outra vida.

Paulo Minoru Minazaki Júnior, 33 anos



Nicole tinha tendinite e não conseguia mais tocar violino. Na regressão, ela se viu como um lenhador, que teve o braço amputado. Um amigo ajudou-a a superar o trauma

. Foi o que comprovou a americana Nicole Lerch, 45 anos, criada no protestantismo. Ela sofria de uma tendinite crônica que a impedia de tocar violino. Em 1997, se mudou para o Rio de Janeiro, entrou na Orquestra Sinfônica Brasileira e se tornou professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mas passou um ano sem trabalhar e só se livrou da tendinite com a terapia. Ela se viu como um lenhador que teve o braço esquerdo amputado depois de um grave ferimento. Um encontro no pós-morte contribuiu para que ela apagasse o registro negativo do trauma. “Depois de um entorpecimento, encontrei Ivan, um grande amigo daquela vida. Ele me mostrou que meu braço estava inteiro. Eu tinha sido atingida apenas no físico e não no espírito”, relembra.



Já Elizabeth assistiu a flashes de outras vidas

Quem viveu essa experiência foi a professora Elizabeth de Melo Massaranduba, 48 anos, de São Paulo, que procurou a terapia para curar crises de pânico. Separada, ela tinha que tomar conta sozinha dos dois filhos. Trabalhava em dois empregos e não aceitava a situação. Descobriu que a revolta era um traço recorrente em sua trajetória espiritual. Em uma de suas vidas, ela era o dono de um palácio que morreu esfaqueado, mas ficou no prédio atormentando seus moradores. “Eu não me conformava com a morte e só saí de lá coagida. Dois homens de branco me carregaram pelos braços. Eu esperneava, dizendo que era amigo do rei e que aquilo não ficaria impune. Cheguei a uma construção arredondada muito diferente. Aí, a imagem se apagou”, conta. Em outra passagem, dois homens mostraram que suas dificuldades faziam parte de um planejamento feito por ela mesma. “Muito sérios, eles me levaram para um lugar amplo e claro. Numa parede, com oito telas, vi flashes de várias vidas. Antes de nascer, eu tinha optado por resgatar algumas faltas e estava renegando isso”, conta ela.



A psicóloga Elaine de Lucca diz que o entrevistado é uma reavaliação. Sua cliente, Keite, concorda

Ao tentar resolver suas dificuldades de manter relacionamentos amorosos, a supervisora de atendimento Keite Gomes de Toledo, 29 anos, paciente de Elaine, não só descobriu que em muitas vidas ela desprezara quem a amava como também se viu estudando para mudar esse comportamento. Em uma das regressões, ela era um homem rústico, que morreu ferido na cabeça. “Me vi saindo do corpo, sentia a cabeça sangrar e doer. Fiquei num lugar escuro com gente de aspecto negativo até que uma mulher de roupa branca apareceu. Ela propôs que eu a seguisse, resisti por um tempo. Quando concordei, fui para um lugar muito limpo, onde cuidaram de mim. Depois me vi num jardim, lendo um livro”, conta ela. Keite diz que tem consciência de que precisa ser mais receptiva. “Estou tentando”, diz ela.



Liberdade - Michele livrou-se de uma fixação pelo ex-namorado depois de ver que já foi sua esposa e filha

Para a veterinária Michele Venturini, 32 anos, o processo foi ainda mais rápido. Em apenas sete sessões, curou-se de uma “fixação doentia” por um ex-namorado. “Eu não conseguia pensar em outra pessoa. Tinha amigos, passeava, estudava e trabalhava normalmente, mas não me envolvia afetivamente com ninguém”, lembra. Na regressão, Michele descobriu que já tinha vivido com o tal namorado em pelo menos três vidas passadas. Na primeira, tinha sido uma esposa má. Na segunda, ele foi seu pai. Na última, teve uma filha com ele, separou-se, mas depois viveram os últimos anos juntos. “Tivemos bons e maus momentos, o que justificava a forte ligação. Perceber tudo que já tinha vivido me liberou. Sinto-me capaz amar outra vez”, afirma ela.



Superação - Wagner Faneco driblou crises pessoais ao descobrir que morreu por não denunciar um criminoso

. O editor de uma agência mexicana de notícias Wagner Faneco, 36 anos, amargou um ano numa crise existencial. Não estava satisfeito com o trabalho nem com ele mesmo. Queria mudar tudo e também não conseguia. Foi levado pela namorada a um terapeuta. Depois de algumas sessões de bate-papo, o médico disse que também fazia regressão e sugeriu que ele se submetesse a uma sessão. Cético, Faneco topou porque queria resolver seu problema. Saiu do consultório chocado. “Senti um frio no corpo e vi coisas horríveis. Presenciei um assassinato e fui acusado injustamente de ser o assassino. Sabia quem tinha cometido o crime, mas, como era uma pessoa rica e influente, não tive coragem de denunciar. Minha condenação foi ser enterrado vivo.” Depois do episódio, ele conta que passou a ter menos medo de encarar as dificuldades e conseguiu dar uma virada na vida. Está de emprego novo e feliz. Se tudo foi um produto de sua imaginação, Faneco não sabe dizer. O que vale para ele é que a experiência lhe ajudou a ter uma visão clara do mundo em que vive hoje.



Angélica recuperou-se de um bloqueio na garganta ao saber que morreu degolada numa batalha

Foi o que aconteceu com a secretária Angélica Sartori, 33 anos. Ela não conseguia mais falar nem comer porque sentia a garganta travada. Os médicos atribuíam o problema a stress e depois descobriram uma doença auto-imune, que enfraquecia a musculatura e os nervos. Após peregrinar por muitos consultórios, apelou para a regressão e acha que descobriu a causa de seu drama. “Fui um rapaz que, preso e amordaçado, morreu sufocado com um pano na boca. Também me vi grávida e desesperada com a morte do meu amor e me envenenei. Senti uma paralisia na garganta. Em outra vida, me vi de farda; era um soldado e morri degolado numa batalha”, conta ela.

. A experiência também mudou a vida da professora aposentada Sílvia Cury, apesar de sua resistência. “Sempre me recusei a atribuir os problemas a fatores cármicos. Mas tive que me render”, diz. Sílvia sofria da síndrome do pânico havia cinco anos. Tinha taquicardia, pressão alta, sensação de desmaio e chegou a ser hospitalizada três vezes. Tomava ansiolíticos, mas não conseguia chegar à causa do seu mal. “Não tinha nenhuma fobia.” Durante a regressão, ela se viu menina, na Idade Média, com a responsabilidade de cuidar do irmão menor. Ele foi pisoteado por um cavalo e a culpa foi atribuída a Sílvia. “Eu carreguei comigo esse sentimento de insegurança e falha. Agora, todas as vezes que me sinto insegura e tenho pânico, penso que aquilo faz parte do passado e me tranquilizo”, afirma.

Depois da experiência, muitos, como o ator carioca Ricardo Conti, 23 anos, acabam virando espiritualistas. Ele sofria de baixa auto-estima e começou a procurar a explicação para o problema em outras vidas. “Fui uma menina que engravidou e foi expulsa de casa. Mais tarde, tive um marido que abusava de mim e eu não conseguia reagir”, conta Ricardo.

Como acontece

Há vários métodos de regressão, mas o normal é o paciente sofrer uma indução verbal ou hipnose, o que leva a um estado de relaxamento profundo. “Damos comandos gerais sem sugerir nada para que não sejam criadas situações imaginárias”, explica a terapeuta carioca Célia Resende. De olhos fechados, começa a visualizar cenas aparentemente desconexas. Elas podem ou não se transformar em histórias com princípio, meio e fim, como num filme. Mas, em todas as cenas, ele se verá como o personagem principal. “Peço à pessoa para descrever detalhes como roupas, cabelo, meio de transporte”, diz Célia. As imagens podem parecer confusas, mas as sensações de se estar vivendo a situação naquele momento são fortes. É comum sentir frio, suar, ter taquicardia. Vivem-se emoções intensas e, invariavelmente, o paciente tem uma crise de choro, como numa catarse. Ele é induzido a observar o sofrimento como parte do passado e adotar uma atitude diferente na vida atual. “Buscamos traumas de vidas anteriores que levaram as pessoas a se destruir de alguma forma. Os medos tiram a lucidez para conduzir a vida presente”, destaca a terapeuta.